

Liberação do câmbio é perigosa, diz Ciro

MARCELO CORDEIRO

BRASÍLIA - O governo terá que repactuar a dívida interna, tanto com relação aos prazos quanto às taxas de juros, caso contrário o ajuste fiscal que está sendo negociado com o Congresso não vai conseguir financiar a dívida acumulada até agora. O alerta foi feito pelo ex-ministro da Fazenda, Ciro Gomes, que achou perigosa a decisão tomada pelo governo de liberar o câmbio e disse não acreditar que a desvalorização do Real tenha parado no patamar registrado no fechamento do mercado na última sexta-feira, que foi de R\$ 1,44.

Ciro Gomes acha que o mercado ainda vai exigir uma desvalorização maior do Real e que isso pode trazer sérios proble-

mas para o país. Segundo ele, se a cotação do dólar parar onde está, será a primeira vez na história que se consegue uma desvalorização controlada sem intervenção no mercado. O ex-ministro alerta também para o risco da inflação por causa do aumento no custo dos componentes importados e acredita que a recessão vá continuar, dessa vez, acompanhada da pera de poder aquisitivo dos trabalhadores.

“O real foi lançado cotado a um dólar. O governo deixou o câmbio livre mas atuou no mercado para valorizar a moeda. Foi o Ricupero que começou com a estratégia de valorizar o real com o objetivo tático de acelerar a queda da inflação”, disse Ciro Gomes ao explicar o que gerou o atraso na correção do câmbio. “Quando eu assumi o ministério,

um dólar valia R\$ 0,81. Eu consegui levar até R\$ 0,85, o que ainda era pouco”, afirmou Ciro. Segundo ele, com a estratégia de valorizar a moeda o governo deixou o real fora da realidade e para não promover uma desvalorização acelerada optou por um processo gradual que “acabou custando caro ao país”.

O primeiro efeito do câmbio valorizado foram os sucessivos déficits na balança comercial e desequilíbrio na conta de transações correntes. Ciro Gomes lembra que até 94, o déficit em transações correntes era de US\$ 1,7 bilhão, o que na época representava cerca de 0,3% do PIB, e que a estratégia assumida pelo governo elevou esse percentual para cerca de 3,8% do PIB, já que 98 deve fechar um déficit em transações corrente na faixa de US\$ 33,5 bilhões. O mais perverso

na política cambial, segundo o ex-ministro, foi a necessidade de se manter elevadas taxas de juros, o que impediu o crescimento da economia e fez explodir a dívida interna, rolada no mercado a juros altos.

“Nós hoje temos uma dívida interna de R\$ 340 bilhões que está sendo rolada num prazo médio de 130 dias. Mesmo que os juros caiam para 20% ao ano não há ajuste fiscal que financie uma dívida desse tamanho” afirma o ex-ministro, para quem a única saída é repactuar a dívida. “Quando eu estava em campanha para a Presidência da República, procurei os três maiores bancos brasileiros para saber se havia margem para repactuar a dívida pública. Os três foram unâimes em garantir que havia esse espaço”, disse Ciro.

As perspectivas econômicas apontadas por Ciro Gomes são sombrias. O ex-ministro da Fazenda acha que o déficit público, hoje na faixa de 8,5% do PIB, vai saltar para algo entre 10% e 11% do PIB. A inflação zero obtida pelo governo em 98 deve ficar, pelas estimativas de Ciro, entre 8% e 10% este ano. Ele alerta, também, para o aumento da dívida externa, hoje na faixa de US\$ 297 bilhões, provocado pela desvalorização cambial. Segundo Ciro Gomes, 75% dessa dívida é de responsabilidade do setor privado que terá que arcar com um aumento nos custos provocado pela desvalorização do real. O próprio governo também vai pagar mais por suas dívidas externa e interna, já que 17% da dívida interna está sendo rolada com correção cambial.

Economia - Dívida